

AO DOMINGO

Como avalia a comunicação do presidente da República ao país?



Clara Almeida Santos
Vice-reitora da Universidade de Coimbra

“ A imagem que parece mais adequar-se à comunicação do presidente da República é a de um tiro como sinal de partida de uma corrida. O país estava suspenso à espera de um momento que pusesse fim aos treinos e manobras, inaugurando, ao mesmo tempo, a temporalidade seguinte.

A complexidade do instante pós-eleições terá sido antecipada por Cavaço Silva e motivado a ausência das comemorações de 5 de outubro: o silêncio da construção de todos os cenários e posicionamento perante todas as hipóteses.

E agora, segue a corrida. Sprint ou maratona, será outro árbitro a decidir. ”



Elisa Ferreira
Eurodeputada do PS

“ Foi um momento muito negativo de intervenção do senhor presidente da República, a somar a outros que vão, infelizmente, ficar a marcar o seu perfil, como foram o discurso da tomada de posse ou a apatia total no processo que precedeu a rejeição do PEC IV.

O resultado primeiro foi o crispar ainda mais a vida política portuguesa e em segundo lugar o afastar completamente a hipótese de alguma conciliação entre a coligação e os outros partidos que se sentiram terrivelmente insultados. Se teve algum aspeto positivo foi o de unir completamente os socialistas. Qualquer hipótese de haver diferenças e matizes dentro do PS desapareceram completamente, mal o presidente acabou de falar. O que se pode dizer é que o seu discurso provocou o contrário do que pretendia. ”



Sebastião Feye
Reitor da Universidade do Porto

“ Ontem, sábado, tivemos um ‘festim’ de comentários políticos sobre a decisão e a correspondente comunicação do Senhor Presidente da República. Escolho duas notas breves de uma comunicação que teve um objeto próximo e um enquadramento com projeção para o futuro. Relativamente ao primeiro, a justificação da indigitação do dr. Pedro Passos Coelho como primeiro-ministro foi clara e óbvia, não levantando discussão séria – tomou a única decisão razoável (legítima) que podia ter tomado face ao facto de os partidos alternativos não terem apresentado formalmente qualquer solução política de governação. Relativamente às palavras de enquadramento, que têm subjacentes uma projeção de ação, sendo coerentes com o seu programa, as consequências estão à vista: desativaram a oposição interna no PS; foram usadas, legitimamente, pelo PCP e pelo BE para defenderem as suas visões políticas; e, penso, tornaram a vida bem mais difícil ao PS nas negociações para um provável Governo PS-PCP-BE. ”